



“Pois não me envergonho do **evangelho**, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego.” (Romanos 1.16 – Nova Almeida Atualizada)

1. INTRODUÇÃO

Evangelismo reativo. O título até parece simples, afinal, principalmente no meio evangélico, os termos “evangelho” e “evangelismo” são citados quase o tempo todo. Mas para entendermos realmente do que se trata o tema do presente estudo, precisamos, em primeiro lugar, responder a seguinte pergunta: O que significa, de fato, a palavra “evangelho”? Em seguida, após compreendermos corretamente o significado do termo, se faz necessário debruçarmos sobre outras questões, do tipo: Por que o evangelismo precisa ser “reativo”? Qual a relação entre substantivo e adjetivo propostos no título do estudo? É o que nós faremos a seguir, e que o Espírito Santo de Deus nos conduza em todo o percurso. Amém!

2. O SIGNIFICADO DE “EVANGELHO”¹

No texto bíblico acima, para a palavra “evangelho”, é utilizado o vocábulo grego εὐαγγέλιον (*euangélion*) que significa “*notícia de vitória*”. O termo, composto de εὖ (*bom/boa*) + ἀγγέλιον (*notícia, mensagem*), era utilizado na Grécia Antiga para descrever a proclamação de boas notícias, especialmente aquelas relacionadas às vitórias militares. Naquela época, quando um exército obtinha

¹ GREGORY, Andrew F.; TUCKETT, Christopher M.. *The Gospel in Greco-Roman context* (O Evangelho no contexto Greco-Romano) Oxford: Oxford University Press, 2005.

uma conquista significativa, um mensageiro era enviado de volta à cidade para anunciar a vitória ao povo. As notícias de vitórias eram consideradas de grande importância e tinham o objetivo de trazer **alegria, esperança e alívio** para a população. Além disso, elas fortaleciam a harmonia social e a legitimidade do governo. Quando um exército era bem-sucedido em uma batalha, a notícia era recebida com grande entusiasmo e alívio pelo povo, pois significava a preservação da cidade contra ameaças externas.

Os líderes políticos e militares entendiam o poder da comunicação eficiente e, por isso, muitas vezes utilizavam os serviços de mensageiros profissionais para levar as notícias de vitórias às cidades em tempo hábil. O mensageiro, conhecido como εὐαγγελιστής (*euangelistés*), **tinha a tarefa de garantir que a mensagem chegasse sem distorções e que a população fosse informada de forma precisa e emocionalmente impactante. A mensagem do evangelista não apenas informava sobre a vitória, mas também exaltava as realizações e os méritos do conquistador.**

O evangelista era visto como portador de esperança, aquele que trazia uma mensagem salvadora para a comunidade. Assim, quando o cristianismo começou a se desenvolver, o termo εὐαγγέλιον (*euangélion*) foi adotado para descrever a mensagem central da fé cristã. Os seguidores de Jesus consideravam a vida, os ensinamentos, a morte sacrificial e a ressurreição como as boas notícias de Deus para a humanidade, pois oferecia salvação e redenção. Por essa razão, o termo “evangelho” foi aplicado aos quatro relatos escritos, respectivamente, por Mateus, Marcos, Lucas e João, que transmitiam essas notícias vitais sobre Jesus Cristo e seu propósito redentor.

No texto bíblico citado inicialmente, o apóstolo Paulo afirma que não se envergonhava do Evangelho, pois sabia que essa “notícia de vitória” era o poder de Deus para salvação da humanidade. O termo “poder”, do grego δύναμις (*dýnamis*), significa uma “*habilidade inerente*” que, ao ser demonstrada, causa influência, espanto ou admiração².

3. O ENGODO DA PASSIVIDADE CRISTÃ

“Vocês são a nossa carta, escrita em nosso coração, conhecida e lida por todos. Vocês manifestam que são carta de Cristo, produzida pelo nosso ministério, escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, nos corações.”
(2Coríntios 3.2-3 - NAA)

Com base no versículo acima, alguns cristãos entendem, erroneamente, que podem se posicionar passivamente diante da necessidade de proclamarmos o Evangelho de Cristo. Afinal, carta não fala, ela é lida. Se tomarmos por base esse entendimento, basta sermos cristãos normais (ou até

² VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 878-879 p.

mesmo nominais), não termos nada que macule a nossa imagem como cristãos que, apesar da nossa omissão e passividade, as pessoas naturalmente se chegarão a nós, ávidas por conhecerem o Deus a quem servimos. Contudo, não é bem assim que as coisas funcionam. A pregação da Palavra, necessita de palavras.

Infelizmente, grande parte dos cristãos assume postura totalmente contrária à declaração do apóstolo Paulo ao romanos (cf. Romanos 1.16). Alguns, agem assim por falta de compreensão da responsabilidade individual de cada cristão em cumprir o mandamento do Senhor Jesus de fazer discípulos e ensinar o que Ele ensinou (cf. Mateus 28.19-20; Marcos 16.15). Mas a maioria sente medo ou insegurança ao falar sobre sua fé ou pregar o evangelho. Eles tem receio de serem rejeitados, ridicularizados ou mal interpretados pelos outros. O medo do confronto ou da falta de conhecimento suficiente os leva a se manterem passivos. Outros, duvidam da eficácia da pregação do Evangelho ou questionam se suas palavras realmente farão a diferença. Eles se sentem desencorajados pelo fato de que nem todos responderão positivamente à mensagem do Evangelho.

O nosso testemunho pessoal, mesmo importante e necessário, nem sempre é suficiente para que as pessoas creiam nAquele a quem chamamos de Deus. Os irmãos de Jesus viveram com Ele 30 anos na mesma casa – debaixo do mesmo teto. Jesus almoçou e jantou com eles, trabalhou com eles e viveu de forma perfeita. Foi perfeito em atitudes, palavras e intenções. Mas nenhum dos irmãos de Jesus creu nEle por vê-Lo viver essa vida perfeita (cf. João 7.5). Sendo assim, não podemos apenas viver o Evangelho. O Evangelho é uma notícia. Ela precisa ser proclamada com os lábios. Como disse certa vez o pastor batista, Charles Haddon Spurgeon (1834-1892), “*não somos a Bíblia para o mundo, devemos pregar a Bíblia para o mundo*”.

4. EVANGELISMO REATIVO

Normalmente, quando pensamos em algo “reativo”, pensamos no momento em que um cristão sente a necessidade de defender sua fé ou responder a críticas, perguntas difíceis ou argumentos contrários ao cristianismo. Não é nesse contexto que me refiro. A reação que tenho em mente é aquela gerada por motivação interna, que nos constrange a compartilhar aquilo que emana do interior do nosso coração, como resultado da nossa transformação de vida em Cristo Jesus. Farei uma analogia, a título de exemplo:

É muito interessante observarmos a **reação** entre balas Mentos e Coca-Cola, por causa da composição química dos dois materiais. As balas Mentos contêm vários ingredientes, incluindo um composto chamado **goma arábica**. A goma arábica é um estabilizante usado para ajudar a manter a consistência e a textura dos alimentos. A Coca-Cola é uma bebida que contém dióxido de carbono, responsável pela carbonatação da bebida, criando as bolhas de gás. Quando as balas Mentos são

colocadas na Coca-Cola, a superfície áspera das balas fornece pontos de nucleação para o dióxido de carbono presente no refrigerante. Isso faz com que as bolhas de gás se formem rapidamente ao redor da superfície das balas, e resultem em liberação rápida e vigorosa do dióxido de carbono da Coca-Cola na forma de uma grande quantidade de espuma, que jorra para fora da garrafa ou lata devido à rápida formação de bolhas.

A reação entre balas Mentos e Coca-Cola, serve muito bem como analogia para exemplificar a necessidade de praticarmos um evangelismo reativo. Nessa analogia, a bala seria o Evangelho e nós, o refrigerante. Uma vez que tivemos um encontro pessoal e transformador com a Pessoa do Senhor Jesus Cristo, por meio da introdução dos princípios do Evangelho em nós, o resultado desse encontro deve fluir naturalmente através de nós, alcançar outras pessoas e impactá-las com a mesma Graça transformadora com a qual fomos impactados. Não dá para ser de outra forma e a Bíblia deixa isso bem claro. Certa vez, ao conversar com uma mulher na cidade de Samaria, Jesus declarou: “... *aquele que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna*” (João 4.14 – NAA). Pouco tempo depois, em outra ocasião, o Senhor Jesus confirmou suas palavras: “*Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva.*” (João 7.38 – NAA).

5. OS DIVERSOS ‘SABORES’ DO EVANGELHO DE CRISTO

De forma geral, cada pessoa possui algum tipo de preferência em relação aos diferentes sabores existentes: doce, salgado, amargo, ácido etc. Assim como a existência de diversos tipos de sabores é uma característica fascinante da culinária, as narrativas bíblicas do Evangelho também possuem diversidade de “sabores”, capazes de alcançar os mais complexos paladares da alma. Cada uma das narrativas foi elaborada sob uma diretriz, um foco, um público alvo. Vejamos:

a) Mateus, tem o propósito de apresentar o Senhor Jesus Cristo como o grande Messias, o Filho de Deus, o verdadeiro Rei prometido de Deus e esperado, por tantos anos, pela nação judaica;

b) Marcos, enfatiza a ação e os milagres de Jesus. É a notícia de que Jesus veio para vencer as forças do mal, salvar o homem do seu pecado, inaugurar o Seu reino e oferecer salvação com a chamada ao arrependimento;

c) Lucas, apresenta Jesus Cristo e a salvação que Ele oferece, ele foca no modo como Jesus viveu, serviu, morreu e foi ressuscitado. O autor lembra os seus leitores de que os princípios de vida de Cristo, devem ser imitados pelos cristãos de hoje;

d) João enfatiza a divindade de Jesus e seu relacionamento íntimo com Deus, o Pai. Ele apresenta Jesus como o Verbo encarnado, o Salvador que veio trazer vida eterna.

6. CONCLUSÃO

Se Deus, de fato, transformou a nossa vida através de Jesus Cristo, a fonte dessa transformação precisa ser proclamada, “*quer a ocasião seja favorável, quer não*” (2Timóteo 4.2 – NVT). Parafraçando o apóstolo Paulo (cf. 1Coríntios 9.16), somos impelidos por Deus a pregar o Evangelho. Ai de nós se se não fizermos isso!

A notícia de vitória do Senhor Jesus Cristo precisa chegar ao conhecimento de todas as pessoas. Não podemos nos manter passivos. O evangelismo não subsiste através de vidas meramente contemplativas. Precisamos, de um **evangelismo reativo**.

Soli Deo Gloria.